

O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA — DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LAMA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1200 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da B. r. bacam 10 e 12— Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo common, 20 réis, annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes envia os á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Expediente

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que brevemente lhes serão apresentados os recibos de suas assignaturas, os quaes pedimos o obsequio de satisfazerem logo para evitar a despeza de segunda remessa, por causa do pagamento d'uma nova taxa imposta sobre todos os titulos de cobrança feita pelo correio.

LOULÉ

Apresenta-se como coisa assente o pedido, por parte do governo, da proxima dissolução das camaras legislativas, havendo até quem accrescente que a corôa annuirá aos desejos governamentais.

Até aqui os preparativos pareciam indicar que a dissolução almejada só seria tentada depois da abertura das camaras, procurando-se a oportunidade n'algum acto hostil por parte da opposição progressista.

Mas a linguagem da imprensa mais directamente ligada aos ministros que representam a orientação politica do gabinete, não deixa a menor duvida sobre o immediato pedido de dissolução.

Debalde a opposição combatte uma semelhante pretensão e demonstra a sua inconstitucionalidade; inuteis parecem ter sido os avisos dos proprios amigos que, como o sr. Julio de Vilhena, abertamente se tem opposto a qualquer modificação nas relações do governo e parlamento.

A politica ministerial tem persistido na idéa de dissolver e longe de adiar procura precipitar os acontecimentos.

Antes de poucos dias, pois, o paiz assistirá a um acto que nada justifica, exactamente praticado no momento em que uma tremenda crise politica geral ameaça a tranquillidade e o socego de todas as nações.

O actual governo subiu aos conselhos da corôa unicamente para evitar que qualquer commoção politica, motivada por uma eleição geral, viesse perturbar ou embaraçar o empenho de todos em debellar

as enormes difficuldades de ordem financeira e economica que nos acabrunham.

Não foi o merito alevantado dos actuaes ministros, nem tão pouco a sua reconhecida preponderancia politica, que determinaram que ao poder subisse mais um gabinete pronunciadamente regenerador; foram tão sómente as circumstancias que indicaram a necessidade de qualquer agrupamento que podesse governar sem provocar uma dissolução das camaras e portanto uma agitação politica no paiz.

A maioria na câmara dos deputados era de feição regeneradora e o actual governo poudo contar com ella e encontrá-la em todas as votações de que careceu.

Se a camara, no entanto, não foi, ou não é, completamente subserviente, como o desejaria ou deseja o governo, nem por isso nos parece que seja digna de censura sequer e muito menos propria a ser condemnada a uma dissolução.

No conflicto entre o governo e a opposição de um partido differente no parlamento, eleito por este, comprehendese que houvesse um pedido de dissolução, quando o vencido fosse o governo. Mas quando são os proprios amigos que discordam e estão em maioria, então a dissolução não tem razão de ser, e a demissão é que se impõe fatalmente.

O governo antes ainda de reunir as camaras já sabe que não pode contar com o seu apoio? E' porque lhe faltam muitos dos seus amigos, pois que na sessão anterior teve sempre maioria; n'este caso deve demittir-se, deixando á corôa escolher livremente entre os dissidentes governamentais e as opposições.

Querer praticar um acto de força sendo o primeiro a reconhecer e invocar o estado da propria fraqueza, é um contra-senso.

E as profundas dissenções que lavram no seio do partido regenerador já ninguém as pode occultar. Se para perpetuar nas culminancias do poder a influencia da regeneração agora se calam os despeitos e as censuras de ha pouco, o paiz e a corôa têm obrigação de pesar bem todas as circumstancias e de proceder, não pelas condições de momento apresentadas, mas pelas que realmente existem e deverão determinar a marcha positiva dos negocios publicos.

que me pediu para lhe acompanhar ao orgão. Todas as angustias da sua alma passaram na sua voz e depois de ter cantado, deliciosamente, pareceu-me que em volta d'ella alguns pares de lindos olhos, maldosos, se tinham suavizado e enchido de lagrimas... A tarde foi-me dado o tomar logar, pela ultima vez, á pequenina mesa real.

Estava no centro dos aposentos particulares em uma alta circular em mosaico de marmore vermelho e preto cheia de sombrios quadros de mestres antigos. Um serviço muito simples sobre uma mesa redonda, sufficientemente grande para as seis pessoas que se lhe sentavam em volta: o rei, a rainha, o príncipe real, duas *demoiselles de honneur* e o hospede que suas magestades se tinham dignado admitir. A não ser o esplendor austero do logar e o numero silencioso, mas activo, das pessoas de serviço em librê de côrte dir-se-hia ser o mais intimo jantar de familia.

Durante a conversa d'estes jantares, o rei mostrava-se o mais affavel e encantador, não conservando da sua expressão grave que tanto impunha, mais do que uma profunda ruga, cavada entre os seus negros sobr'olhos.

«Os que vêem aquella profunda ruga na testa do rei, disse-me a rainha um dia, com uma expressão de terna veneração, não suspeitam sequer quanto foi preciso de trabalho

O governo vae pedir a dissolução immediata das camaras.

Conceder-lh'a-ha a corôa?

Respeitaremos a decisão, qualquer que ella seja, mas entendemos que o partido progressista se deve oppôr resolutamente e tenazmente a que se commetta um verdadeiro attentado constitucional.

Melilla

Está travada lucta entre a Hespanha e os chefes de varias kabilas de Marrocos, lucta que ninguem ainda sabe até onde irá.

As atenções de toda a Europa estão voltadas para Marrocos e todas as nações promptas a intervir ao menor incidente que se levante e que vá de encontro aos interesses de algumas potencias.

Dissemos acima que ninguem sabe até onde isto irá, e é esta a verdade, porque esta lucta actualmente só entre hespanhoes e *riffenos* pôde bem ser o inicio de uma grande conflagração européa, pôde bem ser a ruptura das hostilidades entre a triplíce alliança, agora tambem de mãos dadas com a Inglaterra, e a alliança franco-russa.

Os jornaes hespanhoes já declaram que atraz dos *riffenos* está a influencia da Inglaterra e da Allemanha e que estas nações não só têm enviado officiaes seus a instruir os mouros, mas tambem lhes estão fornecendo armamento.

A intriga ingleza sempre ávida de rapacidade prepara-se para lançar mão de Tanger e não pôde ver com bons olhos expandir-se em Africa a influencia de Hespanha, mas á França, que já tem sobejos motivos para bem conhecer o que são os inglezes, não passam despercebidas as manobras d'estes e longe de estar descuidada e tranquilla, está prevenida para qualquer eventualidade, bem como a Russia e outros estados da Europa.

Será tambem agora a Hespanha a causadora da guerra entre a França e a Allemanha?

E' esta a pergunta que no momento actual acode a todos.

A guerra de 1870, comparada com essa, foi certamente um brinquedo de creanças. A guerra agora terá consequencias muito mais graves e funestas do que a de 70; então o combate era só entre a França e a Allemanha e agora terá de envolveressas duas nações e a Russia, Austria, Italia e Inglaterra, sempre desejosa de tirar proveito das hostilidades alheias.

de lucta e de soffrimento para lh'a cavar assim.»

Mas nem a benevolente simplicidade dos soberanos, nem as figuras juvenis do príncipe real e das *demoiselles de honneur*, nem mesmo alguns risos discretos, a proposito de *enfantillages* conseguiram dissipar uma tristeza especial que cahia dos altos tectos.

A rotunda de marmore vermelho deitava pelas portas sem batentes para as grandes salas pouco illuminadas cuja magnificencia tinha a marca do gosto severo e afinado do rei. —entre outras a bibliotheca ao fundo da qual estava aceso o fanal historico da gondola dos antigos doges venezianos — e as duas meninas tornadas mais nervosas, pela vida um pouco sequestrada do palacio, mergulhavam de tempos a tempos os seus olhares n'estas distancias com inquietações vagas de phantasmas e de appareções.

O que era pois que causava tudo isto?

Era talvez isolamento da vida exterior, ou o vacuo do grande espaço, em volta de nós, magnifico e quasi escuro, guardado por sentinellas, e este silencio, um silencio lugubre no meio de uma das cidades do mundo onde o rodar das carruagens é mais febril e continuado... Realmente sentia-se no ar alguma cousa de particular que os grandes jantares de côrte scintillantes de luz não dão nunca,

Será uma coisa terrível que só acabará com ou relaçião de alguma ou algumas das potencias beligerantes.

A França de ha muito que se prepara para a *révanche* de 1870; por seu lado a Allemanha faz todos os preparativos bellicos, mas por outro lado a triplíce alliança receia da Russia que d'um momento para o outro lhe põe nas fronteiras uma *avalanche* de soldados.

Mas voltemos aos acontecimentos de Melilla, que nos sugeriram estas considerações.

O entusiasmo hespanhol, a confiança na superioridade d'organisação do seu exercito e na superioridade d'armamento, em relação aos marroquinos, foi talvez a causa principal dos primeiros desastres soffridos pelas armas hespanholas.

Os hespanhoes perderam no combate um general, alguns officiaes subalternos e alguns soldados. D'esta vez a superioridade de numero venceu a de organisação.

Os mouros dispõem de forças superiores a 200.000 homens e alguns milhares de cavallos magnificos.

O governo hespanhol resolveu mandar reforços e para isso já saíram d'algumas cidades hespanholas em direcção a Melilla varios regimentos que no meio de entusiasticas acclamações recebem o adeus dos parentes e dos amigos, inculindo-lhe todos animo e coragem para defender com valor a honra de sua patria ultrajada e castigar severamente os mouros que foram os primeiros a romper as hostilidades contra os hespanhoes, destruindo os trabalhos que estes faziam para o levantamento do forte de Sidi Guariach. E' no meio d'estas demonstrações proprias dos povos do meio-dia que, sentem escaldar o sangue nas veias, que os valentes soldados hespanhoes partem para a campanha.

As ultimas noticias recebidas na Europa dizem-nos que as tropas hespanholas conseguiram desalojar os mouros das suas trincheiras e rechaçal-os até ás faldas do monte Gurugú, fazendo-lhes grandes perdas; os navios de guerra *Alfonso XII* e *Venadito* fizeram fogo vivo contra o inimigo causando-lhes grandes baixas.

Esta guerra é cheia de difficuldades e perigos, é uma guerra de religião, e estas são sempre as mais perigosas.

As varias tribus do Riff vão para o campo de batalha animadas d'um fervor religioso extraordinario, completamente dominadas pelo fanatismo de suas creanças, tendo fé em

que é como que a doença dos palacios, a oppressão da realza.

Ao lado do príncipe herdeiro, sentava-se todas as tardes á pequenina mesa familiar mademoiselle Helena*** E d'essa continua visinhança começava já, sem duvida, a nascer um sentimento que teria sido facil de prever. Que um príncipe de 24 annos austera-mente educado, longe dos prazeres da sua idade, vivendo uma vida de trabalho intellectual de manobras militares, se apaixonasse por uma rapariga alegre, brilhante de espirito e superiormente intelligente, a unica de resto que lhe é permitido ver em intimidade, é a cousa mais natural do mundo.

Este romance que se esboçava ali e que uma certa imprensa procurou desfigurar era pois o mais simples e honesto possivel.

E a idéa de um casamento, por contraria que fosse ás regras estabelecidas, tornava-se a unica, que podia apresentar-se, a um rapaz educado como o príncipe real, em idéas puritanas e cercado de exemplos irreprehen- siveis; não sendo além d'isso mademoiselle Helena*** pessoa para excitar enthusiasmos de amor que passam, mas sim para prender pouco a pouco e segurar pela sua intelligencia sempre álerta.

(Continúa).

FOLHETIM

A EXILADA

POR PIERRE LOTI

DA ACADEMIA FRANCEZA

UMA EXILADA

Bucarest, abril de 1890.

Parecia uma séria e dóce figura arrancada a um fresco bysantino, tendo posto, pela primeira vez, sob o seu véo branco, á antiga, um *bandeau* muito baixo sobre a fronte:

«Não é verdade, tinha ella perguntado n'essa manhã ás *demoiselles de honneur* que, na minha idade não me posso vestir á Roumainca, sem o *bandeau* das velhas?»

E não a tinham despersuadido, tão bem lhe ficava... Com uma arte e um encanto que nenhuma das «suas filhas» podia attingir, a rainha dançou a dança lenta e grave que parecia uma especie de passo ritual. Depois pediram-lhe para cantar. E a rainha cantou com o seu desejo de lhes ser agradavel e a sua graça resignada, um velho *lied* da Allemanha

que receberão o premio todos os que morrerem em defeza da sua causa.

Oxalá estas coisas terminem breve com o triumpho das armas hespanholas sobre os kabilas e sem que incidentes alguns venham perturbar a paz europeia, porque perturbada ella, poucos serão os Estados que possam conservar uma absoluta neutralidade, poucos serão os que voluntaria ou involuntariamente não tenham de intervir n'essa enorme guerra.

Já tomou posse do lugar de sub-delegado do procurador regio, na comarca de Faro, para onde ultimamente foi nomeado, o nosso presado amigo sr. bacharel Antonio Maria F. da Silva.

E' administrador d'este periodico o nosso amigo Pablo Garcia Delgado.

Deve ter lugar no dia 9 do corrente o enlace matrimonial da ex.^{ma} sr.^a D. Julia Valladares d'Aragão com o sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco, de Monchique.

Assistirão á cerimonia religiosa como testemunhas os srs. José Gregorio de Figueiredo Mascarenhas, digno tenente-coronel de artilheria, e tio do noivo e dr. José Teixeira Gomes, distincto advogado na comarca de Silves; e acompanharão a noiva as ex.^{mas} sr.^{as} D. Anna Barbara Mascarenhas Pacheco Gomes, irmã do noivo, e D. Maria do Carmo Valladares d'Aragão e Moura, irmã da noiva.

Segundo ouvimos, os noivos tencionam ir passar a lua de mel no Valle de Boi, linda quinta pertencente ao noivo, nas proximidades de Monchique.

Desejamos aos conjugues um futuro cheio de prosperidades, de que bem dignos são.

Partiu para Faro, onde tenciona demorar-se algum tempo, o nosso amigo e assignante sr. João Antonio Rodrigues Mealha.

Vimos na semana finda n'esta villa os nossos apreciaveis amigos, os srs. padre Alexandre João do Nascimento, digno prior de S. Lourenço d'Almancil, e padre Marianno da Silva Corrêa, digno prior de Pechão.

Exequias

Vão celebrar-se no dia 23 do corrente, pomposas exequias na sé de Silves, occasião do 10.^o anniversario do fallecimento do abalizado industrial e prestante cidadão, de saudosa memoria, Salvador Gomes Villarinho, sogro e tio do sr. visconde de Silves.

Fará o elogio do finado, o imminente orador rev. conego Alves Mendes.

A armação do templo está incubida á conceituada casa da viuva Delfim da Cruz Lima, da cidade do Porto.

Nas vitrines do atelier do sr. Delport, do Porto, acham-se em exposição varias corças de familia, amigos e admiradores do finado destinadas a figurar n'estas exequias.

FICOU...

Novo esfogueamento, d'esta vez sem a imponente marcha aux flambeaux, annunciou aos habitantes d'esta notavel villa de Loulé que o *mano* do muito poderoso *solarengo da Fonte da Pipa* não ia para Loures e sim ficava, continuando á frente do glorioso partido, a que communica vitalidade pelo transporte de *materiaes nutritivos* elaborados na *mater* repartição de fazenda, qual perfeito cordão umbilical cuja existencia é tão indispensavel ao *filho* como prejudicial á *mãe*.

Mas agora já não houve mysterios como da primeira vez; nem tempo para se articular o *vae ou fica?*

«Fica, fica, fica... um telegramma do Fuschini assim o participou á Fonte da Pipa.»

Era o acompanhamento immediato e constante do estalar das bombas, e o *vae ou fica* apenas se ouvia no tom de ironia insultuosa, que constitue a feição caracteristica dos *amigos* do sr. Marçal Pacheco, na expansibilidade festiva da celebração dos feitos do *grande homem*.

«Então *vae ou fica?*» repetia-se, sim, mas para mais acentuar a *força e o poderio* de quem *tudo consegue* e a todos ordena.

Assim era e é necessario para *manter* um *fortissimo partido*, cujas *idéas* se acham tão profundamente radicadas no espirito de todos os habitantes do concelho de Loulé e aldeias circumvisinhas, que basta a simples falta de um *escrivão* de fazenda para o aniquilar e reduzir á impotencia!

Não somos nós que o dizemos.

Ahi está a *celebre manifestação expontonea* a Faro, as lamurias dos que *ficaram*, a attental-o.

«Morre o *partido* se o *escrivão* de fazenda sae»!! Isto sahia da bocca de todos os *chamados amigos* do sr. Marçal Pacheco; isto se deprehe de da *jornada* de Faro!

E cobrem-nos de insultos e pretendem difamar-nos, quando nós dizemos que o *partido dos amigos* do sr. Marçal Pacheco, domina, não pela *sympathia* ás qualidades do chefe, mas pelo terror dimanado principalmente da repartição de fazenda!

Mas prosigamos. O *homem fica*.

Mas como *fica*, porque *fica*, e que influencia teve a *manifestação expontonea* e a *omnipotencia* do sr. Marçal Pacheco na transferencia do *escrivão* de fazenda de Loures para Loulé?

O *homem fica* como *escrivão* de fazenda de 2.^a classe, conforme a classificação do decreto de 14 de setembro e sem prejuizo dos respectivos vencimentos, como o determina tambem o mesmo decreto.

«Este pessoal foi, pois, collocado, segundo a classificação, passando *provisoriamente* (o sublinhado é nosso) o excesso de cada classe a concelhos de ordem immediatamente inferior, sem prejuizo dos respectivos vencimentos...» (Dec. de 14 de setembro regulando a classificação e collocação do pessoal de fazenda).

E *fica* n'estas condições, porque sendo os concelhos de 2.^a ordem 33 e os *escrivões* classificados de 2.^a classe 78, apenas puderam ficar collocados, na ordem correspondente, os primeiros 33, no numero dos quaes entrava em ultimo lugar o *escrivão* de Loulé, mas que teve de sair em virtude de ser attendida a reclamação do *escrivão* de Extremoz o n.^o 38 na 2.^a classe.

Isto é declarado no despacho de transferencia.

O actual *escrivão* de fazenda de Loulé é pois o primeiro a ser collocado em concelho de 2.^a ordem logo que se dê vaga.

Ora sendo 29 os concelhos de 1.^a ordem e 33 os de 2.^a é muito possivel que *fique nullo provisoriamente*.

Até aqui não descorrimos motivo para grandes regosijos e, bem ao contrario nos parece que sendo prejudicado em seus interesses e promoção o *idolo*, sem garantia de estabilidade compensadora, o caso deveria ser antes para tristezas.

Mas ganha-se tempo nos dizem; e assim se deixa perceber, que, apesar de todos os foguetes e pregões festivos, no fundo existe desconfiança, se não descontentamento, o que aliaz se comprehende bem, ponderando as circunstancias que occorreram para a transferencia de Loures para Loulé, extranha por certo á significação da *expontonea manifestação* e ao empenho do *mano* que *tudo lo manda*.

A *manifestação* pedia uma situação definida e estavel e o sr. Marçal Pacheco não podia desejar uma collocação tão provisoria que o deixa na dependencia do sr. Fuschini, tollendo-lhe os manejos eleitoraes.

Mas que todos se fivessem empenhado na resolução existente.

Em que poderiam ter influido?

Na resolução da reclamação do *escrivão* de fazenda de Extremoz em sentido favoravel?

Nem o conselho de directores geraes que julgou a reclamação por unanimidade consentiria uma injustiça de tal ordem, nem os outros *escrivões* de fazenda lezados e que não têm interesses eleitoraes a zelar aceitariam sem protesto a sentença do ministro.

E uma vez deslocado de 2.^a ordem o *escrivão* de Loures restava-lhe a vaga de Extremoz 3.^a ordem, para onde um fosse e antes com economia o ministro mandasse o *escrivão* que vinha para Loulé, não tendo necessidade d'esta maneira de deslocar o que de cá não tinha saído.

Acreditamos no entanto que o ministro fez favor em não mandar para Extremoz o *mano* do sr. Marçal Pacheco!

Já é ter importancia!

Um par do reino, jornalista, capitalista, *senhor* de Loulé, etc., apoiando o governo com todos estes elementos conseguiu a transferencia de um *escrivão* de fazenda de Extremoz para Loulé d'onde o agraciado ainda não havia saído!

A tanto se reduziu a importancia da *celebre manifestação* e o alto valimento do sr. Marçal Pacheco.

Uma transferencia n'uma collocação provisoria!

O REV. MIRANDA

O digno padre Miranda continua a manifestar-se e a dar bem a conhecer o que é.

Sahido d'uma freguezia rural, onde apenas era conhecida, porque no resto da provincia o seu nome passava completamente desapercibido, protestou o *digno e exemplar* padre criar celebridade, ainda que fosse só por meio de disparates, alguns dos quaes já temos relatado aos nossos leitores.

D'uma ignorancia pouco vulgar, iniciou nas missas dos domingos e dias santificados umas praticas, que primam pela originalidade no disparate e n'ellas apresentava doutrinas, se este nome se pode dar a uma embrulhada de palavras sem nexos, completamente alheias á religião, visando unicamente a fazer politica a seu modo.

Ora uma das obrigações dos parochos é ensinar a doutrina christã, *mas este ensino e instrução devem limital-o á religião e á moral, sem nunca o estenderem aos deveres de cidadãos e subditos, pois a instrução que os ecclesiasticos devem nada tem com os negocios civis e politicos do Estado.* (Concilio de Trento, sessão xxiv, cap. iv, de reformatione; C. R. de 31 de julho de 1605, Port. de 2 de novembro de 1833).

Mas o padre Miranda ignora tudo isto; seria melhor que o padre Miranda, em lugar de assim proceder, se compenetrasse dos deveres e obrigações que todo o sacerdote digno tem a cumprir.

Não param aqui as prozas do padre, na sua sanha de disparatar tem ido mais além.

Na semana finda, a junta de parochia de S. Sebastião, de que o padre Miranda é apenas vogal, como parochos, pretendeu realizar a sua sessão mas, quando se dirigia para a casa contigua á igreja, encontrou a porta fechada por ordem do padre, foi o presidente estar com elle quando regressava da ermida da Senhora da Piedade, para que entregasse a chave afim de a junta realizar a sua sessão, recebendo como resposta:—*não dou sessão*—e negando-se obstinadamente a entregar a chave da casa onde costumava reunir-se a junta.

O padre Miranda não é presidente da junta para convocar ou dar sessões.

Em que disposição de direito canonico ou civil se fundou o padre para commetter mais este abuso?!

Ainda temos mais:

O padre Miranda annunciou na missa conventual que no dia de Finados haveria uma missa ás quatro horas da manhã na igreja de S. Sebastião, a segunda iria dizel-a á ermida da Boa Hora, e a terceira seria na freguezia, *às oito horas*.

No dia de Finados ás oito horas foram os fieis para a igreja, que logo se encheu, ficando ainda no largo muita gente; regressou o padre da ermida da Boa Hora, passando pelo largo onde está a igreja, mas foi para casa e só appareceu no altar depois das nove e meia!!

Todos os fieis estavam indignados com tal procedimento, e muita gente vimos que se retirou da igreja sem ter ouvido missa, porque não podia estar mais horas á espera que o *digno* padre Miranda se *dignasse* apparecer.

Isto dispensa commentarios, apenas diremos ao padre Miranda que *tantas vezes vae o cantaro ao poço até que lá lhe fica o peçoço*.

A's auctoridades, que protegem abusos, como aquellos que temos apontado, só diremos que ao povo, cansado de reclamar e protestar sem ser ouvido, vae faltando a paciencia, e vendo que as suas justas reclamações não são attendidas pode tirar um legitimo desforço, cuja responsabilidade é apenas das auctoridades e do padre, auctor dos abusos.

Esteve em Loulé na quarta-feira ultima o nosso estimado amigo sr. Antonio Estevão de Souza Reis, bemquisto commerciante d'Albuquerque.

Foi mandada apromptar e seguir para as aguas do Brazil a nossa curveta de guerra *Afonso d'Albuquerque*. Tambem se falla em que seguirá para Marrocos o nosso couraçado *Vasco da Gama*.

Na passada quinta-feira retirou-se para Faro, onde vae continuar os seus estudos, o nosso particular amigo sr. Francisco José F. Teixeira.

A camara municipal de Loulé representou pedindo a suspensão das execuções fiscaes por dividas á fazenda, e que seja permittido

o seu pagamento em prestações annuaes e a prorogação do prazo para o pagamento voluntario das contribuições actualmente em cobrança.

Podéra não, quanto á primeira parte. A camara é composta de amigos do sr. Marçal Pacheco e está demonstradissimo que os principaes devedores á fazenda são exclusivamente os principaes amigos do mano do sr. Marçal Pacheco.

Quanto ao pagamento em prestações, á prorogação do prazo para o pagamento, achamos ocioso o pedido, por inutil a concessão. O melhor que se nos afigura é a senhora camara levar o imparcialissimo tribunal das execuções a julgar para fallas as dividas dos amigos que notamos.

Por mais dois *acoites*...

Estiveram na sexta-feira n'esta villa os srs. alleres da Guarda Fiscal, Arouca e Velloso, de Faro, que vieram assistir ao funeral do desditoso 1.^o cabo, Agostinho d'Assumpção.

Empregados viajantes

Estiveram na passada semana n'esta villa os srs. Santos, representante da acreditada casa commercial Julio Marques da Silva, da praça de Lisboa, e Silva, representante da conceituada casa commercial do sr. A. R. de Macedo, tambem da capital.

O rev. Miranda encontrou defensor á altura da sua elevada capacidade intellectual e illustração.

Accusado o rev. de haver na festividade de Valle Judeu commettido a burla de substituir a lista de mordomos que havia recebido da mordomia que dirigia a festa, citando falso da cadeira da verdade, e mostrando-se completamente leigo no conhecimento de seus direitos e deveres, é agora *defendido* por *argumentos de auctoridade* que, ainda que verdadeiros, não tendo sido apontados opportunamente pelo rev., mais vêm confirmar a sua supina ignorancia.

Se ao parochos é que incumbe a direcção de festividades promovidas por mordomias illegalmente erectas, conforme se diz ser a opinião da *Crença Religiosa* e do digno Prelado de Beja, podendo fazer livremente a nomeação de novos mordomos, porque não invocou o rev. Miranda as auctoridades citadas e preferiu recorrer a uma citação falsa do actual codigo administrativo?

Porque o rev. além de ignorante foi simplesmente dominado pelas ordens, que havia recebido, de ler a lista que lhe havia sido entregue por *conveniencias politicas*.

Mas o desconhecimento das opiniões da *Crença Religiosa* e do bispo de Beja em pouco prejudicou o procedimento do rev.

E' verdade que sempre era mais decente citar opiniões, embora contrarias á letra expressa da lei, do que artigos do codigo que não tinham applicação; mas o erro persistiria e a burla teria do mesmo modo realidade.

Quando o rev. não quizesse respeitar os usos e costumes estabelecidos, dissemos e repetiremos, que só á junta de parochia compete a nomeação de novos mordomos, visto que a mordomia de Valle Judeu é illegalmente erecta e o § 4.^o do art. 191.^o do cod. adm. é bem claro e expresso, conferindo ás juntas de parochia a administração das confrarias em identicas condições.

«Mas a nomeação de mordomos não é um acto de administração»!

E' uma calinada que evidenciaremos com a opinião fundamentada e rigorosamente deduzida d'um illustradissimo sacerdote, já fallecido, o rev. padre José Maria Reis, antecessor do actual prior de S. Pedro, de Faro, expandida em resposta a uma consulta do fallecido prior Pinto sobre o mesmo assumpto, relativamente ás capellas da freguezia da villa de Loulé, no numero das quaes entra a de Valle Judeu:

«Pelo que deprehe de tua carta de 21 do corrente, as ermidas, de que fallas, não pertencem a algum individuo ou corporação particular, nem tampouco aos vizinhos d'algum lugar ou da parochia, e d'ahi concluo eu que ellas devem ser consideradas dependentes da igreja parochial, e, como taes, sujeitas á administração da junta, na conformidade dos pareceres e portaria citados nos primeiros dois paragraphos da nota ao art. 307, n.^o 3.^o do cod. adm. de 1861.

E' verdade que no § 4.^o da mesma nota vem referido outro parecer, que *parece* estar em opposição com aquelles, quando diz que capellas dependentes são os curatos, etc; mas eu entendo que não se dá tal opposição, em

primeiro lugar, porque no dicto parecer diz-se *quaes são as capellas dependentes da egreja parochial*, propriamente taes, segundo noções do direito canonico, ao passo que nos outros se diz *quaes devem ser consideradas dependentes*, quando falte prova cabal por onde se conheça a quem pertencem; em segundo lugar, porque se nós tomarmos a doutrina da tal portaria, digo, do tal parecer, como taxativa, devemos excluir do numero das capellas dependentes ainda aquellas, que, não sendo curatos, estiverem todavia descriptas no tombo da fabrica da egreja parochial, como pertencentes a esta,—o que de certo é um erro.

Em abono da opinião de que taes capellas ou ermidas devem ser administradas pela junta, tenho ainda o seguinte argumento. A não ser a junta, qual será a entidade a quem de direito póde competir a dita administração? Um individuo ou individuos em particular? Uma confraria ou outra qualquer corporação de piedade ou de beneficencia. A camara municipal, ou outra corporação publica? O parcho ou o bispo? Não, porque, na hypothese, falta absolutamente titulo que auctorise qualquer d'essas entidades a ingerir-se em tal administração.

Mas o parcho, dirás, é quem até agora a tem por si só exercido. *Quid inde?* respondo eu, se isso não é um direito ou função inherente ao seu cargo, e se tal pratica, até hoje tolerada, não póde constituir posse que valha contra a expressa incompetencia do parcho na administração exclusiva da propria egreja parochial? Logo, repito, é a junta a competente para administrar taes ermidas, a não se dizer, o que era absurdo, que ellas não devem ser administradas por alguém.

Dito isto, tenho respondido á primeira e principal questão, que me propões, sobre se todas as capellas ou ermidas, que se não possa provar terem sido fundadas pelos visinhos, pertencem á administração da junta.

Quanto á segunda, isto é, se póde a junta na hypothese de lhe pertencer a mencionada administração, nomear officiaes que cuidem d'ellas e das festas, ou se tão sómente lhe pódem tomar contas, respondo; que não podendo taes nomeações deixar de ser consideradas actos de mera administração, são por isso mesmo da sua exclusiva competencia.

Dizes tu que o codigo não lhe dá attribuições para nomear mordomos gerentes. Não lhe dá explicitamente, nem era preciso que lhe desse, desde que lhe dá o direito de administração, no qual aquella attribuição está forçosamente incluída. Se as attribuições da junta, n'essa parte, se limitassem a tomar contas aos mordomos, a que ficava então reduzida a administração d'ella? A junta, n'esse caso, não administrava; superentendia na administração.»

Baixaram á sepultura na sexta-feira ultimo, no cemiterio d'esta villa, os restos mortaes do 1.º cabo da Guarda Fiscal, Agostinho d'Assumpção.

Prestou-lhe as devidas honras militares uma força de cabo de caçadores 4.

A seu tio o sr. José Viegas Martins os nossos sentidos pezames.

A proposito das festas franco-russas tem agora cabimento o que Chateaubriand escreveu em 1828, quando embaixador em Roma.

«Existe a sympathia entre a Russia e a França, a ultima quasi civilisou a primeira nas classes elevadas da sociedade, deu-lhe a sua linguagem e os seus costumes.

Collocadas nas duas extremidades da Europa, a França e a Russia não se tocam pelas fronteiras, não têm campo de batalha onde se possam encontrar, não têm rivalidade alguma de commercio, e os inimigos naturais da Russia são naturalmente os inimigos da França. Em tempo de paz o gabinete das Tulherias fica alliado ao gabinete de Pétersbourg e ninguem se pode mover na Europa.

Em tempo de guerra a união dos dois gabinetes ditará as leis ao mundo.»

Chateaubriand em 1828 prophetisava o que hoje está acontecendo, e estas linhas escriptas ha mais de meio seculo não hoje mais actualidade e são mais verdadeiras que nunca.

Lisboa, 1 de novembro

Continuam a circular varios boatos de crise ministerial, erendo uns, que o ministerio se recompõe antes da proxima abertura do parlamento, assegurando outros, que elle não se recomporá até essa epocha. Dizem uns, que o sr. João Franco quer que as camaras sejam já dissolvidas, contando para isso com

a concessão da corôa; asseguram outros que o sr. Hintze Ribeiro, contando tambem com essa concessão, opta que as camaras só sejam dissolvidas depois da sua abertura, procurando para isso um pretexto qualquer, que não lhe será difficil encontrar.

Ha ainda quem diga, que, aberto o parlamento, o sr. Hintze Ribeiro se entenderá com o sr. José Luciano, e que se o nobre chefe do partido progressista se julgar habilitado e com forças de formar um ministerio exclusivamente partidario, elle, sob um pretexto qualquer se demittirá para lhe entregar o poder.

O que parece certo é que nos conselhos de ministros se tem tratado de varios assumptos mais ou menos importantes de administração, mas não se fallou ainda em recomposição ministerial, nem em dissolução de côrtes.

E realmente, seguindo a opinião auctorizada da maioria da imprensa, seguindo a opinião mesmo de alguns jornaes regeneradores, que se sabe serem inspirados pelos membros mais importantes do partido, não vemos razão para que se pense na dissolução das camaras, a não ser que o governo tenha o insoffrivel desejo de fazer eleições, com o que, na nossa muito humilde opinião, o paiz só tem a perder.

O que o paiz quer e precisa é que se governe, e que se governe bem; e o governo em lugar de pensar em fazer eleições, melhor será que pense, e pense seriamente na bagagem com que tem de apresentar-se ao parlamento.

Ha muito que fazer, pois a nossa situação continua melindrosissima, o estado das finanças não offerece por ora esperanças de reorganisação e de equilibrio, o estado economico continua desesperado, a crise portanto não terminou ainda nem terminará tão cedo.

Além d'isso a politica internacional deve agora preoccupar os nossos dirigentes, e incontestavelmente demanda a sua mais séria attenção.

Compenetre-se pois o governo da importancia da situação, ponha completamente de parte os jogos e as intrigas da politica e ocupe-se a valer dos multiplos e variados problemas de administração que tanto carecem de ser resolvidos; trate seriamente de reconstituir a nossa vida economica; e com a mais séria e patriótica attenção vá seguindo os acontecimentos, que se vão dando na Europa, que se pódem reflectir no nosso viver nacional, procurando a tempo e opportunamente evitar os males, que d'ali nos pódem advir.

—Continua a crise de trabalho, dia a dia augmenta o numero de operarios, que por ali vagueiam; á medida que alguns são empregados em diferentes obras, apparecem logo outros, que não têm onde exercer a sua actividade, e por isso recorrem ao *Estado-Providencia*. E' de erer que as medidas de fomento agricola, ultimamente tomadas pelo sr. ministro das obras publicas, dêem algum resultado, sendo por isso de esperar que já na quadra em que estamos os trabalhos agricolas tomem um certo desenvolvimento.

Mas isso só aproveitará aos trabalhadores ruraes, attenuando até certo ponto a crise nas provincias; mas os trabalhadores e operarios das cidades continuarão a soffrer, continuarão a lutar com a mesma crise, enquanto o governo não tomar outras medidas, mais energicas e poderosas, tendentes a debellar-a, ou pelo menos a attenuar-a.

—Agora accentua-se tambem uma outra crise, que naturalmente se estende a essa provincia; é a crise em que luta a classe dos soldados, proveniente da falta de sardinha nas nossas costas, da reaparição de peixe em França, da grande quantidade de conserva sem venda nos armazens nacionaes e estrangeiros, causas estas aggravadas acualmente pela paralyzação das transacções commerciaes com o Brazil. Acresce ainda que n'alguns pontos apparecem ainda alguns barcos hespanhoes á buscar sardinha, levando carregamentos completos, comprando-a por um preço a que os fabricantes locais não pódem attingir, resultando de tudo isso que os operarios não ganham o necessario para a sua sustentação e de suas familias.

Com o fim de attenuar a crise procuraram os operarios obter o apoio moral dos donos das fabricas, e obtiveram-n'o d'aquelles que não têm armações de pesca, porque estes desejam com razão obter o maior preço possível pela pescaria, não só pelos lucros pesoaes, como pela percentagem que ganha a classe pescadora, a cujos interesses tambem é forçoso attender.

Com o mesmo fim tambem já sollicitaram a protecção do governo, para que a sua industria não feneça. Não sabemos como o go-

verno ha de dispensar essa protecção sem prejuizo dos interesses d'outras classes e do proprio estado; bom é porém que o sr. ministro das obras publicas estude bem mais este problema, que se lhe propõe, e que resolva alguma cousa de bom para a pobre classe, que a elle confiadamente recorre.

—Parece que um mau fado persegue todas as empresas portuguezas, que vicios organicos as minam, não as deixando ter longa vida, que defeitos e incompetencias de administração as não deixam prosperar, resultando fatalmente a perda dos capitaes, que se lhes confiaram.

Uma d'essas empresas, que se iniciou com mais fundadas esperanças no futuro, com elementos que lhe promettiam uma longa e prospera vida, foi sem duvida a empresa da Mala Real Portugueza, que além de visar uma boa remuneração dos capitaes n'ella empenhados, visava ao fim patriótico de ter em mãos portuguezas meios poderosos de comunicação com as nossas colonias.

Pois essa empresa, á sombra da qual se disse então se fizeram algumas fortunas, o que póde muito bem não ter sido verdadeiro, caiu desastrosamente, a ponto d'alguns dos seus credores, para salvarem os seus interesses, obterem do tribunal de commercio a sentença de que fossem postos em praça os navios da empresa.

O governo é um dos principaes credores, e aos seus adeantamentos, que sommam perto de 700 contos, estão hypothecados varios vapores da empresa, sendo os outros hypothecados aos obrigacionistas.

Concordamos pois com alguns jornaes, e varios individuos, que temos ouvido fallar sobre este assumpto, que bem avisado andaria o governo em não consentir que estes navios fossem á praça, e já que a empresa tem de succumbir, appropriar-se d'elles, vistas as condições exceptionaes em que póde fazer uma tão optima aquisição.

A maior parte d'esses navios, senão todos, estão em condições de n'um momento para outro poderem ser armados em navios de guerra, por isso com a sua aquisição ficaria o governo habilitado a ampliar consideravelmente a nossa marinha de guerra, quando as circunstancias do paiz por ventura o exigissem.

Cremos que o governo não deixará de pensar maduramente n'este assumpto, e de seguir o caminho que tudo lhe indica para bem do paiz.

—A situação do Brazil continúa infelizmente a mesma.

Parece que o governo do marechal invida todos os esforços para organizar uma esquadra, que o habilite a poder bater por todos os lados a esquadra insurrecta, mas isso parece ser d'uma difficil e demorada realisação, o que seguramente concorrerá, para que uma tão lamentavel situação se prolongue ainda por algum tempo.

No Rio de Janeiro a situação é critica, e a população, fatigada d'uma tão longa expectativa, está anciosa porque termine esta extraordinaria luta entre a marinha e o exercito, porque tal é, segundo parece, o verdadeiro aspecto da questão.

Animados dos mesmos desejos fazemos sinceros votos, para que elles em breve se realizem.

—Escusado será dizer-lhes, que o objecto de todas as conversações, e que pela sua importancia precede as nossas attensões, é a guerra de Hespanha em Marrocos, de que seguramente pela imprensa diaria da capital têm ali conhecimento com todas as suas minuciosidades. Este facto desperta a attenção de toda a Europa, e sobre tudo da Inglaterra.

A excitação em Hespanha é enorme, principalmente depois que os ultimos successos mancharam de sangue a sua bandeira, que precisa ser purificada.

E essa excitação, provocada pelo nobre sentimento do amor patrio, tem levado o povo a criticar e condemnar severamente o governo, por não ter tomado medidas mais urgentes, mais energicas, mais activas. E todavia os ministros, a quem seguramente animam os mesmos sentimentos patrioticos, têm tido a coragem de os dominar, para em resoluções de uma tal magnitude contraporem ao nobre entusiasmo do povo, mas cego e irreflectido, a sensatez e prudencia convenientes e necessarias.

Isso mesmo já fez notar a imprensa parisense declarando que o governo, principalmente os srs. Sagasta e Moret, posto tenham offendido as extremas susceptibilidades do orgulho castelhano, procuraram prestar á Hespanha um triplice serviço sob o ponto de vista das fi-

nanças, da preparação para a guerra, e das relações com o estrangeiro.

E' uma calamidade para Hespanha, que pode bem ser uma calamidade geral, e oxalá que o anjo da paz estenda as suas candidas azas sobre a região assolada, e que a diplomacia consiga harmonisar os interesses de todos, sem mais serios conflictos com as suas lamentaveis e desastrosas consequencias.

(Do nosso correspondente).

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

1.º annuncio

No dia 12 do proximo mez de novembro, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta villa, no extincto convento das freiras na rua do Espirito Santo, da mesma, e para pagamento da quantia de 513\$739 réis, além dos juros, custas e despesas a final, porque Francisco Euzebio Pires, da cidade de Faro, move execução n'aquelle juizo contra José Corrêa Vargas e mulher Maria Lopes, da Fonte do Touro, freguezia de S. Braz, d'aquella cidade, se ha de pôr pela segunda vez em hasta publica para se arrematar a quem maior lance offerecer sobre a quantia de 60\$000 réis, metade do preço da sua avaliação, uma horta no sitio do Almarjão, freguezia de Querença, d'esta comarca, que se compõe de terra de sequeiro e regadio com azinheiras, oliveiras e pereiras. São por este citados quaesquer credores incertos para a arrematação.

Loulé, 30 de outubro de 1893.

O escrivão,

Sebastião Drago d'Azevedo Lobo.

Visto—DUARTE PIMENTA.

ANNEL GALVANO-ELECTRICO

O **annel galvano-electrico**, póde usar-se em qualquer dedo das mãos, e cura infallivelmente as **enfermidades nervosas, como dores de cabeça, enchaqueca, convulsões, neuralgias e reumathicas.**

Este anel é composto de dois aros conductores da electricidade, de zinco e de cobre reunindo assim a base fundamental da **pilha galvanica**. Trazendo o anel no dedo a transpiração acida d'este, estabelece a corrente galvanica, que percorrendo os nervos faz experimentar o allivio desejado.

Este grande descobrimento, inventado pelo celebre professor **Raspail**, e aperfeiçoado pelo professor **Montegazza**, de Milão, foi approvado pelas academias de medicina e pelos melhores facultativos da Europa.

Depositos nas primeiras capitaes de França, Allemanha, Italia e Inglaterra. O agente para a venda em Portugal e Hespanha, **Pietro Bognier** previne o publico de que os unicos aneis genuinos, levam nada mais do que uma pequena marca **R. P.** devendo haver cautella com as outras como sendo imitações imperfeitas.

PREÇOS 240 E 300 RÉIS, PROVINCIAS 400 RÉIS.

DEPOSITO EM LISBOA, LARGO DO SOCORRO, 24, 2.º E.

N. B.—O annunciante provine o publico que se demora n'esta villa só até á noite, e que se acha no *Hotel Avenida*, onde póde ser procurado.

ÁS ELEGANTES

Maria do Patrocínio, modista das primeiras *lojas de chapaus, de Lisboa*, tem a honra de participar ás suas ex.^{mas} freguezas que já recebeu, das melhores casas de *modas de Paris*, os ultimos *modelos* em formas, figurinos e tudo que ha de mais novidade para confeccionar chapaus d'inverno.

Remette de prompto qualquer encomenda de chapaus (bem enfeitados) para senhora desde 2\$500 réis, e para creanca desde réis 1\$500. Encarrega-se de transformar em 24 horas (com a maxima perfeição) chapaus em feltro, veludo e todas as outras qualidades, desde 300 réis para cima.

Pedidos á Rua da Bitesga, 16—2.º—Dt.º

LISBOA

PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tao aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)
LISBOA

MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodos, borbulhas, comichão, dardo, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada brancura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodos, borbulhas e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro ANTEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acoio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

CARREIRA DE DILIGENCIAS

Pablo Garcia Delgado, com trens de aluguer e diligencias para o caminho de ferro e S. Braz, fazendo os trasportes por preços bastante baratos; carros para conducção de malas, para toda a parte da provincia e quaesquer carros.

Encarrega-se de despachar encomendas para qualquer parte.

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAES E ESPARTO NO LARGO DE S. FRANCISCO LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farello, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas com quintal, varanda e poço, situadas na rua da Larangeira, d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a D. Eugenia Nobre da Silva, sua proprietaria.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.^A

LISBOA



UNICOS vendedores da machina Memoria, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualque pedido de velocipedes e bicycletes, para o que apresenta os respectivos catalogos.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E AIBUFEIRA

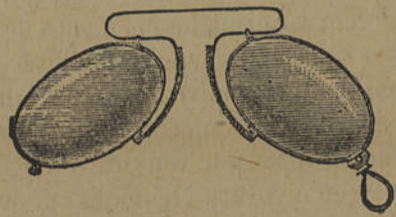
Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliquireme, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereacs, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoros e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candieiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade.
(Especialidade em chá, café e chocolate)



Grande e completo sortido em **OCULOS E LUNETAS** de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

LOULÉ—Manoel Rodrigues Corrêa.

NOVA MERCEARIA DE

J. M. CAMPOS

RUA DA CONCEIÇÃO LOULÉ

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir o seu estabelecimento de mercearias onde encontram um completo e variado sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, genebra, cognac, licores e diversos artigos de quinquilherias, que vende por preços reduzidos.

SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES

MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira genebra, cognac e licores

QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

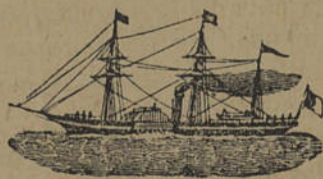
COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: proenrações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros participações de casamento, envelopes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA

de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 100—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.

ATENÇÃO

PABLO GARCIA DELGADO, com estabelecimento de fazendas de algodão, linho, seda e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas proprias para a estação de inverno tanto para senhoras como para cavalheiros:

Consta de setins-riques-escocozes, irenes, chitas finas, primavera, lãs e sedas para vestidos, tudo da ultima novidade.

Casemiras, cheviotes, meltons e picotilhos para fatos d'homem, fazendas lisas para capas de senhora e castorinas para vestidos, de cujo artigo compron um grande saldo que vende por preços sem competencia!

Lenços de seda em todas as côres, lenços de cach-nez de lã, em todos os tamanhos.

Lenços de malha em todos os tamanhos e qualidades, que vende por preços excessivamente baratos.

Pede que visitem o seu estabelecimento situado na rua de S. Sebastião, n.º 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacam, 10 e 12.

Aproveitar, pois.

GUIA

DOS

CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTENDO O DECRETO

DE 6 DE AGOSTO DE 1892

QUE APPROVOU

A Reforma Administrativa E TODAS

As alterações que tem soffrido o Codigo Administrativo de 1886, desde a sua publicação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, ves readores e secretarios das camaras municipaes, administradores de concelho, membros das commissões districtaes, das juntas de parochia e em geral a todas as pessoas que tratem de negocios administrativos.

PREÇO 200 REIS

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º